

Estado da economia

À medida que aumenta a campanha política para as eleições municipais de 3 de outubro, é natural que os assuntos econômicos não ocupem tanto a atenção da opinião pública. Entretanto, de repente são divulgadas muitas informações ao mesmo tempo, aparentemente contraditórias, capazes de causar certa confusão e até apreensão, embora a situação geral seja satisfatória. Assim, quem se ativer à notícia sobre falências pode ficar seriamente abalado. De acordo com pesquisa da SCI, nos últimos sete meses cresceram em 123% os pedidos de falências no País, se comparado com o mesmo período do ano anterior. Ao mesmo tempo, a poderosa Fiesp constata queda no nível de emprego na primeira semana deste mês, em torno de 0,25%, correspondentes a cinco mil 131 novos desempregados no Estado de São Paulo.

Vistas isoladamente, essas notícias podem causar certo alvoroço. Entretanto, o próprio presidente da SCI, John Gottheiner, lembra que "há uma tendência de estabilização de falências e de concordatas no País". E o levantamento mensal do desemprego no Estado, feito pela Fiesp, acusa um declínio do número de desempregados de janeiro, que eram 28 mil e 842 postos de trabalho fechados, para 14 mil e 399 postos em julho último. Ou seja, tem caído o número de postos de trabalho fechados a cada mês no Estado paulista, líder da indústria nacional.

Outros dados do panorama econômico do País mostram conclusões otimistas. A poderosa Chrysler anunciou ontem investimentos de US\$ 315 milhões no Brasil para a produção de uma picape, recentemente lançada nos Estados Unidos. Enquanto isso, a Fipe apura que o índice inflacionário da última quadrissemana ficou em torno de 0,83%, o que representa uma redução de 0,19% em relação ao nível medido anteriormente. É a taxa inflacionária voltando a se situar abaixo de 1% ao mês, o que só pode constituir motivo de satisfação geral, especialmente para os assalariados, já libertados, há dois anos, do inferno zodiacal dos aumentos cotidianos de preços de gêneros alimentícios, mercadorias e serviços em geral.

Na leitura dos dados econômicos mais recentes, ressalta a verdade de que o País reingressou em ritmo de desenvolvimento econômico, baseado na estabilidade da moeda, fator de atração de investimentos externos e de reanimação de inversões internas. É certo que ainda persiste o déficit na balança comercial, que está em US\$ 630 milhões de janeiro a julho. É preciso considerar, entretanto, que importar mais do que exportar significa, neste momento, que o País está comprando no exterior não só automóveis e perfumarias mas também máquinas e equipamentos de sua modernização industrial - fator importante para um desenvolvimento estável no futuro.